

“THE ENCHANTMENTS OF THE PORTUGUESE COUNTRYSIDE”: ESCRITA DE VIAGENS E PROPAGANDA TURÍSTICA¹

Teresa Pereira (CETAPS)

Introdução

Produto da parceria entre Ann Bridge (pseudónimo de Mary Dolling O'Malley²) e Susan Lowndes Marques³, *The Selective Traveller in Portugal* representa um exemplo paradigmático da escrita de viagens nascida das multisseculares relações entre

¹ Este artigo resulta, em larga medida, da investigação levada a cabo no 2º semestre do ano lectivo de 2014-2015, para o Seminário “Problemáticas em Línguas, Literaturas e Culturas” (Doutoramento em Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), sob a orientação da Professora Doutora Teresa Pinto Coelho.

² Mary Ann Dolling Sanders O'Malley (1889-1974), fruto da relação entre James Harris Sanders (1844-1916) e Marie Louise Day (1852-1923), estabeleceu-se em Londres em 1904, tendo casado, no dia 25 de Outubro de 1913, com o diplomata Owen St. Clair O'Malley (1887-1974). Acompanhando o marido, que havia sido, em 1945, nomeado embaixador britânico em Portugal, a embaixatriz escreveu, conjuntamente com Susan Lowndes, *The Selective Traveller in Portugal* (1949). Tendo-se convertido ao catolicismo em 1948, a autora inglesa (utilizando o pseudónimo Ann Bridge) publicaria, ainda, obras como *Frontier Passage* (1942) e *The Tightening String* (1962).

³ Nascida, em 1907, em Londres, Susan Antonia Dorothea Priestley Lowndes, filha do jornalista Frederick Lowndes (1868-1940) e da escritora Marie Belloc Lowndes (1868-1947), visitou Portugal, pela primeira vez, no Verão de 1938. Em permanente contacto, por via materna, com figuras como Arthur Conan Doyle (1859-1930), Herbert Henry Asquith (1852-1928) e Winston Churchill (1874-1965), a autora casou-se, no dia 14 de Dezembro de 1938, com Luiz Artur de Oliveira Marques (1898-1976), director do semanário *The Anglo-Portuguese News*. Chegada a Lisboa em 1939, Susan colaborou com diversos jornais ingleses, tendo escrito, a par de *The Selective Traveller in Portugal* (1949), *A Practical Guide to Fátima* (1950). A escritora católica acabaria por falecer, no Hospital Inglês de Lisboa, em 1993.

Portugal e Inglaterra. Integrada na colecção *Windows on the World* – cujo público-alvo era constituído, embora não só, por turistas ingleses –, a obra levanta uma extensa panóplia de considerações a respeito do olhar do “Eu” britânico sobre o “Outro” português.

Ainda que tenha conhecido, no decorrer das décadas de 50 e de 60, um notável êxito no plano internacional (factor responsável por múltiplas reedições), o livro foi, em larga medida, ignorado em território luso pela opinião pública e, curiosamente, pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI). À inexistência de críticas na imprensa portuguesa da época (Vicente, 2006: 227), junta-se a actual escassez de estudos académicos dedicados a analisar o texto na sua total complexidade enquanto artefacto literário e cultural. De facto, para além das referências que lhe são feitas por Ana Vicente em *Arcádia: Notícia de uma Família Anglo-Portuguesa* (2006), a obra (apenas traduzida, para a língua portuguesa, em 2009) é brevemente analisada na tese de doutoramento *O Olhar das Palavras do Turista Britânico: Representações de Portugal nos Livros de Viagens, 1950-2000* (2011), da autoria de Valentino José Carvalho do Vale Alves, bem como no ensaio, redigido por Jorge Pinho, “ ‘The Selective Traveller in Portugal’: Anacronismos e Peculiaridades de um Olhar sobre Portugal” (2009). Assim, o trabalho aqui projectado propõe-se contribuir para, de algum modo, complementar estudos anteriores, mediante a análise (à luz da época em que o livro foi escrito, publicado e difundido) das estratégias utilizadas por Ann Bridge e Susan Lowndes para perspectivar um Portugal que, como se terá ocasião de demonstrar, se encontraria bem distante da realidade.

Partindo de uma abordagem que se insere claramente no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, não se pretende apresentar um estudo exaustivo da obra nascida do trabalho conjunto das autoras anglófonas, mas sim uma leitura crítica do discurso (relativo ao Portugal salazarista de finais da década de 40) por elas adoptado. Visa-se, assim, expor por que meios o constante recurso a estratégias literárias correspondentes, em larga medida, às convenções do bucolismo poético não só propagandeia a sociedade rural portuguesa, como denuncia também as ansiedades e preocupações dominantes na Inglaterra de finais do século XIX e primeiras décadas do XX.

Cumpre, nesta senda, recordar os Estudos de Imagem. Inicialmente bipartida em duas linhas de investigação distintas – desenvolvidas pela escola francesa de J.-M- Carré e M.-F. Guyard e pela escola de Aachen, onde se destaca o nome de Hugo Dyserinck (Simões, 2011: 18) –, a imagologia estendeu-se

aos grandes centros de pensamento europeus no decorrer da década de 70. Postulando a necessidade de desconstruir o discurso resultante do encontro (conjuntivo ou disjuntivo) entre o “Eu” e o “Outro”, a imagética literária invadiu, nos meios académicos portugueses, o campo da Literatura Comparada através de obras como *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura* (1981) e *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura* (2001), de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux.

O exame das imagens literárias criadas sobre o estrangeiro encontra-se inteiramente ligado à análise do léxico imagístico utilizado para traduzir não só uma eventual alteridade, mas também o contexto político-cultural em que esta se situa (Machado e Pageaux, 2001: 55). Efectivamente, a aplicação de repetições, bem como de determinados vocábulos e adjectivos, salienta o cariz simbólico da linguagem seleccionada para dizer o “Outro”. Recordem-se, a propósito, as palavras de Álvaro Manuel Machado e de Daniel-Henri Pageaux:

Eu “olho” o Outro – mas a imagem do Outro veicula também uma certa imagem de mim mesmo. É impossível evitar que a imagem do Outro (...) [surja] também como a negação do Outro, o complemento, o prolongamento do meu próprio corpo ou do meu próprio espaço. Queremos dizer o “Outro” (...) e, ao dizer o “Outro”, negámo-lo e dizemo-nos a nós próprios. De certo modo, dizemos também o mundo que nos rodeia, dizemos o lugar de onde partiu o “olhar”, e o juízo sobre o Outro: a imagem do Outro revela as relações que estabelecemos entre o mundo (...) e eu próprio (2001: 53).

Resultado de uma deslocação que tem lugar não só no espaço geográfico, mas também na ordem sociocultural e na própria mente (Machado e Pageaux, 2001: 36) –, a escrita de viagens revela-se um frutífero campo de trabalho:

(...) toda a escrita de viagem é retrospectiva. (...) o viajante tenta recompor um fragmento de autobiografia, um texto estranho, no qual se misturam observação e imaginação, estando o eu que escreve descrevendo a sua viagem ao lado do eu que viaja, alternando o eu íntimo com o espaço percorrido, descrito. O viajante tem de reviver, de reencontrar uma série de momentos dispersos da verdade de si próprio e, ao mesmo tempo, de não se esquecer da unidade da viagem em si mesma (Machado e Pageaux, 2001: 42-43).

O viajante – ao mesmo tempo narrador e personagem

– rodeia-se dos instrumentos necessários para que o seu relato adquira uma dimensão invariavelmente subjectiva. Em detrimento do método da observação empírica, o “Eu” que olha projecta no “Outro” que é olhado não só o seu enquadramento pessoal, como também o horizonte de expectativas do(s) leitor(es) a que se dirige.

Por todas as questões anteriormente referidas, dificilmente se poderá passar ao lado de *The Selective Traveller in Portugal*. Decorrente da literalização do olhar do “Eu” inglês sobre o “Outro” português, a viagem romanceada subentende (e torna imperiosa) uma análise à luz dos pressupostos dos Estudos de Imagem.

Para uma melhor esquematização, o presente trabalho dividir-se-á em dois momentos considerados fundamentais. O primeiro – “A Construção da Arcádia em *The Selective Traveller in Portugal*” – centrar-se-á nos aspectos bucólicos do guia de viagem. No segundo, intitulado “A Promoção Turística no Estado Novo”, procurar-se-á analisar, como o próprio título indica, o carácter propagandístico da obra de Bridge e Lowndes.

1. A Construção da Arcádia em *The Selective Traveller in Portugal*

Contactada, em 1947, pelo seu agente literário, Ann Bridge encetou, conjuntamente com Susan Lowndes, a tarefa de redigir um novo guia de Portugal. Dividido em quinze capítulos, *The Selective Traveller in Portugal* procura dar a conhecer as viagens das escritoras a turistas britânicos. Após uma breve introdução aos momentos históricos por elas considerados de maior importância – entre os quais se destaca uma curiosa referência ao que entendiam por era vitoriana portuguesa (Bridge e Lowndes, 1949: 18) –, o livro foca questões como o clima, a religião, a flora e a arqueologia, a par do quotidiano dos homens e das mulheres que povoavam as aldeias (Vicente, 2006: 224-225).

O retrato esboçado pelas viajantes é facilmente identificado com o bucolismo. Com efeito, as escritoras cantam e estereotipam a vida dos agricultores, bem como as paisagens que os enquadram:

The Portuguese as a race have many charming characteristics, but none is more delightful (...) than their attitude to work (...). They make a festival, a gay and social occasion, of all the principal operations by which crops are secured to man's use. Beating the trees and gathering the olives becomes a family picnic (...).

(...) they come with music, guitars and tambourines, and, men and women together, sing and dance their way along the dusty roads towards an agreeable and lucrative (if arduous) employment (Bridge e Lowndes, 1949: 24-25).

Assim, celebrando a união do humano com o mundo natural, as autoras (ao abordarem os costumes da sociedade rural) idealizam a vida campestre como “an agreeable and lucrative (if arduous) employment”.

Convirá salientar que a sociedade portuguesa continuava predominantemente rural, sendo tal característica consolidada nos primeiros decênios do Estado Novo e atingindo uma inquestionável expressão demográfica (Baptista, 1996: 944). Contudo, a agricultura esteve na origem de vários conflitos que se desenvolveram, no Portugal de 1940, entre os proprietários agrícolas e os trabalhadores com ou sem parcelas de terra:

São vários os sinais para que as autoridades vão alertando o poder central: sabotagens do caminho-de-ferro perto de Elvas; incêndio de vagões carregados de artigos para exportação em Alhandra; inúmeros casos de fogo posto (navios de trigo, armazéns com mercadorias de exportação, matas, pastagens, lenhas, palhas, alfaias, etc.). Ao mesmo tempo verifica-se por todo o país (...) roubos de fruta, lenhas e capoeiras [,] razias de espigueiros e tulhas [,] desaparece o ferro das ramadas e das noras, somem os carros de água (Rosas, 1994: 363).

Indissociável da escassez de géneros (resultante, em parte, do racionamento imposto pelo Governo durante o segundo conflito mundial), o descontentamento generalizado dos anos 40 – que se traduziu não só em roubos, sabotagens e incêndios, mas também num surto de greves, manifestações e motins – rapidamente alastrou a milhares de camponeses. Como consequência da manutenção das “más condições de vida e de trabalho”, articulada com o “relativo sucesso das lutas”, o período compreendido entre 1945 e 1949 assistiu ao prolongamento da agitação nas regiões onde se encontrava a maior parte dos assalariados rurais e das organizações políticas clandestinas (Freire, 1996: 406-408). Contudo, Bridge e Lowndes, aparentemente alheadas das greves rurais que percorriam o país, fundem, sob o signo ilusório da referencialidade objectiva, a memória e a imaginação (Rocha, 1992: 46-47), perspectivando um Portugal muito mais vinculado à Arcádia do que às duras, difíceis e claramente visíveis circunstâncias da época.

Por outro lado, *The Selective Traveller in Portugal* implica

frequentes e acerbas críticas à indústria e à urbanização. Neste panorama, justifica-se sublinhar que, na Grã-Bretanha da viragem do século XIX para o XX, a promessa de melhores condições de trabalho nas áreas urbanas, a modernização das técnicas agrícolas e a depressão que se fez sentir em meados da década de 70⁴ contribuíram para incrementar o já antes crescente êxodo rural. Impossibilitando o desenvolvimento equilibrado, a franca expansão da mancha urbana de Londres (que, em 1911, contava já com 7 300 000 habitantes) traduziu-se num alastramento de zonas de pobreza muito mais avassalador do que o visível na maioria das capitais europeias (Morgan, 2009: 474).

Articulada com um acentuado decréscimo da importância do sector primário para o PIB inglês, a urbanização intensificou-se ao longo do século XX. Esbatendo a dicotomia cidade/campo, a alucinante expansão de zonas citadinas realçou a hierarquização das classes sociais, por um lado, e, por outro, as desigualdades no âmbito do acesso à educação e aos cuidados de saúde (Thompson, 1990: 77). A grandiosa e simultaneamente paupérrima Londres salientava os profundos contrastes da sociedade urbana inglesa, colocando em questão tanto o estatuto do império, como a supremacia do que se considerava ser a “raça” britânica. Desta forma, cumpre mencionar as constantes críticas de Ann Bridge e Susan Lowndes ao desenvolvimento de aglomerações urbanas, contrapostas a igualmente frequentes elogios à vida idílica dos campos portugueses:

One of the enchantments of the Portuguese countryside is that there one can see life as it was lived in England when England was still merry, say in the 17th or early 18th centuries. Conditions are leisurely, since the country has not yet been organized on an industrial basis, and if the villagers are often illiterate, their standard of communal enjoyment is exceptionally high. (And if that is not a desirable “standard of living”, what is?) Not only is work itself turned into an occasion for festivity and jollification, but jollifications pure and simple are freely undertaken (Bridge e Lowndes, 1949: 30).

Tendo em vista o horizonte de expectativas do público-alvo

⁴ Aquando de 1870, as más colheitas, aliadas à abertura das pradarias norte-americanas – cujas características permitiam um cada vez mais acelerado e barato transporte de mercadorias –, resultaram na “great depression”. Exceptuando o leite, o feno e a palha, os produtos ingleses (de entre os quais se destaca o grão) sofreram vigorosos golpes por parte da concorrência estrangeira (Morgan, 2009: 477).

a que se dirigem (constituído, em larga medida, pelas classes média e alta britânicas provenientes de meios urbanos), Bridge e Lowndes exploram a tensão entre a cidade e o campo. Convidando o leitor a cooperar activamente na interpretação do seu universo simbólico, esta visão arcadiana do Portugal da década de 40 pressupõe um olhar retrospectivo e nostálgico para uma alegada idade de ouro, ao mesmo tempo que comenta o presente. Leia-se, a propósito, a descrição da Nazaré:

NAZARÉ (...) is one of the most fascinating places in Europe (...) because of its inhabitants. (...) the whole place has a strange peace and dignity, a sort of serene self-containedness – “The world forgetting, By the world forgot.” – (...) Most of all is the visitor aware of the antique peace and remoteness towards sun-down, when those strangely-shaped boats are coming in round the headland beyond the bay, and the women sit in black circles on the white sand, the shawls hiding their gay skirts, awaiting the return of their men, like Norns, or some beings from another world (Bridge e Lowndes, 1949: 141-142).

Reportando-se à mitologia nórdica, a obra postula a fuga terapêutica do viajante para um passado edénico vinculado, em larga medida, à incorruptibilidade da vida rústica.

Recorde-se, então, o enquadramento histórico-cultural de Mary O'Malley e Susan Lowndes. Ainda que a obra seja desenvolvida e publicada entre 1947 e 1949 – anos marcados pelas políticas de Clement Attlee⁵ no âmbito do planeamento urbano –, a embaixatriz e a sua companheira haviam abandonado Inglaterra em 1925 e 1939, respectivamente. Assim (sem esquecer as esporádicas visitas ao país natal), Bridge e Lowndes reflectem criticamente sobre a Grã-Bretanha da viragem do século XIX para o XX, elogiando o campesinato português:

Portugal is still, thank goodness, mainly an agricultural country: something like three-quarters of its population of nearly seven and three-quarter million people are engaged in agriculture in one sort or another (Bridge e Lowndes, 1949: 22).

⁵ Líder do Partido Trabalhista no período compreendido entre 1935 e 1955, Clement Attlee (1883-1967) nasceu em Londres, no seio de uma família de classe média. Formado na Universidade de Oxford, Attlee geriu a organização de caridade Haileybury House, tendo, ainda, participado como Capitão na Primeira Guerra Mundial. Nomeado primeiro-ministro britânico em 1945, Attlee criou o Serviço Nacional de Saúde, procedendo também à nacionalização de diversos ramos da indústria inglesa.

A relação dialogante entre o “Eu” (não só autor, mas também actor) e o “Outro” traduz-se no desdobramento do sujeito. Sob a máscara de uma pretensa veracidade, as escritoras – evocando o seu sistema de referências – recriam-se e revelam-se, projectando-se na representação do “Outro” português (Rocha, 1992: 46-52).

2. A Promoção Turística no Estado Novo

Um país de “turismo saudável, campesino, [que] deve satisfazer as exigências mínimas do viajante sem (...) perder (...) o seu carácter lírico, familiar” (Ferro, 1948: 48), o Portugal perspectivado por António Ferro (1895-1956) ecoa as palavras proferidas por Joaquim Roque da Fonseca na comunicação “Portugal, paiz de turismo” (1933). Importa, então, sublinhar que o discurso profundamente simbólico de *The Selective Traveller in Portugal*, ao invés de apelar somente ao horizonte de expectativas da alta burguesia e da aristocracia britânicas, revela-se de cariz propagandístico. A este propósito, leia-se a tradução de uma das cartas enviadas por Mary O’Malley à sua companheira:

A vida no campo em Portugal tem aspectos muito curiosos, dado que a sua economia é quase igual à dos tempos bíblicos. Ainda por cima, o Ministério da Informação e da Propaganda ficaria decerto muito contente com um livro deste tipo, porque estão a apostar no turismo. Também precisamos de um bom mapa, talvez o velho Michelin seja o melhor, porque já constatei pessoalmente que os publicados actualmente estão repletos de incorrecções (Vicente, 2006: 225).

Assim, as escritoras procuraram enquadrar o guia da colecção *Windows on the World* na estratégia política do SNI. Na senda de Hilaire Belloc⁶, tio de Susan Lowndes (autor que havia chegado a Lisboa em 1939 com o intuito de escrever, a pedido do antigo Secretariado de Propaganda Nacional, um livro laudatório do regime vigente em Portugal), as viajantes enviaram exem-

⁶ Nascido em 1870 na comuna francesa La Celle-Saint-Cloud, Joseph-Hilaire-Pierre-René Belloc é o irmão mais novo de Marie Belloc Lowndes (mãe de Susan Lowndes). Após a concessão da nacionalidade inglesa por naturalização, o poeta, historiador e ensaísta tornou-se membro do Parlamento britânico como liberal e, mais tarde, independente. Antes da sua morte em 1953, Hilaire Belloc publicou *Europe and the Faith* (1920) e *The Modern Traveller* (1898).

plares de *The Selective Traveller in Portugal* ao então Presidente Óscar Carmona (1869-1951), a António de Oliveira Salazar (1889-1970) e a António Ferro, bem como a outros membros do governo português (Vicente, 2006: 46-48).

No entanto, o texto não recebeu quaisquer críticas na imprensa portuguesa da época e nenhuma editora se ofereceu para o traduzir e publicar. Ainda que a obra tivesse sido ignorada aquando da sua publicação, o SNI comprou, em 1956, quinhentos exemplares de outro livro que plagiava *The Selective Traveller in Portugal* (Vicente, 2006: 226-227). Ao que parece, o tom paternalista das autoras poderá não ter sido do agrado de António Ferro. Com efeito, estabelecendo uma relação dialéctica entre um “Eu” civilizado e um “Outro” primitivo, as autoras adoptam um discurso colonial, ao mesmo tempo que evocam a multissecular dicotomia Norte/Sul:

As far as agriculture is concerned, Portugal has indeed an almost biblical economy still: reaping, gleaning, threshing the grain, fetching the water – all are done as they are described in the Old and New Testaments (...). Europe is sharply divided into countries where man digs *away* from himself, as in the British isles, and *towards* himself; Portugal belongs in the second category, and the peasants use a sort of magnified hoe with a blade as large as a normal spade, set at right angles to the long handle, to dig their fields (Bridge e Lowndes, 1949: 26-27).

Tendo em vista “a criação de uma arte nacionalista, [o] aprimoramento dos padrões estéticos da sociedade, (...) [e] o aperfeiçoamento do gosto” (Paulo, 1996: 357), o antigo director da revista *Ilustração Portuguesa* estaria longe de concordar com uma imagem de Portugal em posição de menoridade face à velha aliada inglesa. O posterior afastamento do chefe da propaganda (nomeado ministro plenipotenciário de Portugal em Berna e, mais tarde, em Roma) pode justificar o renovado interesse do Estado Novo pelo livro de 1956.

Complementando os dados atrás aduzidos, impõe-se observar as palavras de Terry Gifford. Na senda de Raymond Williams em *The Country and the City* (1973), o autor de *Pastoral* (1999) afirma que o recurso ao bucolismo e a construção multissecular da Arcádia desaguam frequentemente em reflexões de cariz político-social:

There is a sense in which the English pastoral has always been able to make criticisms of the establishment, whilst at the same time warning against a radical disturbance of the social or-

der. (...) The retreat from the urban world of court and commerce, where riches are valued, not only provides an opportunity for criticizing material values, but implies that others should not aspire to them. (...) *The Shepheardes Calender* (...) is an interesting example of this double function (Gifford, 1999: 52).

À luz dos pressupostos acima aflorados, a análise do texto de Bridge e Lowndes revela, desde logo, uma função alegórica semelhante à exercida pelo pastor Piers em “*The Shepheardes Calender*” (1579). Elogiando a vida campestre portuguesa, as autoras contemplam com aparente satisfação o campesinato, razão pela qual impedem o leitor de questionar as relações de poder vigentes no Portugal dos anos 40. Acresce que, ao ecoar os desejos do SNI, *The Selective Traveller in Portugal* adopta um papel preventivo contra a possibilidade da disrupção da ordem social.

Conclusões

Desdobrando-se naquele que observa e no que é observado, Bridge e Lowndes desenvolvem uma “miragem” do Portugal salazarista da década de 40 (Machado e Pageaux, 2001: 61). Ora, as imagens projectadas por um sujeito (hierarquicamente superior, inferior ou, até, semelhante) de um objecto implicam relações de poder, devendo ser entendidas como decorrentes de um processo de mediação:

Images are not just a particular kind of sign, but something like an actor on the historical stage, a presence or character that parallels and participates in the stories we tell ourselves about our own evolution from creatures “made in the image” of a creator, to creatures who make themselves and their world in their own image (Mitchell, 1986: 9).

Permanentemente condicionado pelo momento histórico-cultural em que foi produzido, o discurso do “Eu” a respeito do “Outro” é, não raro, um acto agressivo de apropriação. As seguintes palavras de Christopher Prendergast explicam a ideia acima enunciada: “if representation is the process whereby ‘a’ stands for ‘b’ (...), by what authority does it do so? The question then is a question about authority in representation, though inevitable (...), is not only alienating but also oppressive” (2000: 8, 9). O investigador deverá, como tal, desconstruir as imagens perspectivadas por quem olha a alteridade, expondo, simultaneamente, os processos através dos quais estas representações

são produzidas⁷.

Procurando capitalizar a campanha turística lançada pelo regime de Salazar na década de 40, o tipo de discurso adoptado pelas viajantes revela-se de teor propagandístico. Concebido para influenciar uma determinada audiência e a ela apelar, a propaganda é entendida, por Mark Wollaeger – autor de *Modernism, Media and the Propaganda. British Narrative from 1900 to 1945* (2008) –, como um discurso que visa persuadir uma audiência a agir em conformidade⁸. Veiculando uma representação da sociedade rural portuguesa susceptível de persuadir os turistas britânicos e o próprio SNI, *The Selective Traveller in Portugal*, de Bridge e Lowndes (um artefacto cultural indissociável da época histórica em que foi produzido e publicado), abarcando uma série de implicações político-sociais, edifica imagens sem qualquer correspondência com a realidade do Estado Novo.

OBRAS CITADAS

I) Fontes Primárias

Bridge, Ann e Susan Lowndes. *The Selective Traveller in Portugal*. London: Evans Brothers, 1949.

II) Fontes Secundárias

Alves, Valentino José Carvalho do Vale. *O Olhar das Palavras do Turista Britânico: Representações de Portugal nos Livros de Viagens, 1950-2000*. Tese de Doutoramento não Publicada. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, 2011.

Arnold, Matthew. *Culture and Anarchy*. Oxford: Oxford University Press, 2006 (1869).

Belloc, Hilaire. *Europe and the Faith*. S.l.: Lits, 2011 (1920).

--- *The Modern Traveller*. London: Forgotten Books, 2010 (1898).

Bridge, Ann. *Frontier Passage*. London: Chatto & Windus, 1942.

--- *The Tightening String*. London: Chatto & Windus, 1962.

Ferro, António. Fundação António Quadros, Caixote 015A, Discursos de AF, Envelope III. Informação n.º 1328 SNI. 1948.

Fonseca, Joaquim Roque da. *Portugal, País de Turismo*. Lisboa: ACP, 1933.

Freire, Dulce. “Greves Rurais e Agitação Camponesa”. *Dicionário de*

⁷ Cf. Prendergast, 2000: 9.

⁸ Cf. Wollaeger, 2008: 108-109.

- História do Estado Novo*. Ed. Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito. Vl. 1. Venda Nova: Bertrand, 1996. 404-406.
- Gifford, Terry. *Pastoral*. London: Routledge, 1999.
- Hobsbawm, Eric. *Industry and Empire: From 1750 to the Present Day*. London: Penguin, 1990.
- Lowndes, Susan. *A Practical Guide to Fátima*. London: Burns Oates, 1950.
- Machado, Álvaro Manuel e Daniel Henri-Pageaux. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Editorial Presença, 2001 (1988).
- *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- Mitchell, W. J. T. *Iconology: Image, Text, Ideology*. London: The University of Chicago Press, 1986.
- Morgan, Kenneth O. *The Oxford Illustrated History of Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2009 (1984).
- Paulo, Heloísa. “FERRO, António Joaquim Tavares (1895-1956)”. *Dicionário de História do Estado Novo*. Ed. Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito. Vl. 1. Venda Nova: Bertrand, 1996. 355-357.
- Pinho, Jorge. “‘The Selective Traveller in Portugal’: Anacronismos e Peculiaridades de um Olhar sobre Portugal”. *Via Panorâmica*. Vl. II, Nº 2. 2009. 101-128.
- Pinto, Maria Luís Rocha e Teresa Rodrigues. “Urbanização”. *Dicionário de História do Estado Novo*. Vl. 2. Ed. Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito. Venda Nova: Bertrand, 1996. 997-999.
- Ramos, Rui. *História de Portugal*. Coord. José Mattoso. Vl. 6. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
- Rocha, Clara. *Máscaras de Narciso: Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992.
- Rosas, Fernando. *História de Portugal: O Estado Novo*. Coord. José Mattoso. Vl. 7. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- Simões, Maria João, coord. *Imagotipos Literários: Processos de (Des) Configuração na Imagologia Literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2011.
- Spenser, Edmund. “The Shepheardes Calender”. *The Penguin Book of Renaissance Verse 1509-1659*. Ed. H. R. Woudhuysen. London: Penguin, 1992 (1579).
- Thompson, F. M. L, ed. *The Cambridge Social History of Britain 1750-1950: Regions and Communities*. Vl. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- Vicente, Ana. *Arcádia: Notícia de uma Família Anglo-Portuguesa*. Algés: Gótica, 2006.
- Williams, Raymond. *The Country and the City*. Oxford: Oxford University Press, 1973.
- Wollaeger, Mark. *Modernism, Media and the Propaganda. British Narrative from 1900 to 1945*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2008.